

REVISÃO TEXTUAL PROFISSIONAL E CORREÇÃO TEXTUAL PEDAGÓGICA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DOS DOIS PROCESSOS

Francieli Matzenbacher Pinton¹
Halyne Maria Stefani do Porto²

RESUMO

Este trabalho objetiva verificar em que medida as atividades de revisão textual e correção textual de cunho de pedagógico se aproximam ou se distanciam. Para isso, selecionamos dois manuais de revisão – Malta (2010) e Coelho Neto (2013) – e um material sobre correção textual escolar – Ruiz (2010) – e analisamos, comparativamente, o procedimento das atividades. Sobre revisão, identificamos: revisão por sinais, copidesque e revisão por comentários. Sobre a correção, identificamos os tipos indicativa, classificatória, resolutive e textual-interativa. Considerando o propósito e o contexto das atividades, constatou-se que, embora ambas as tarefas busquem o aperfeiçoamento textual, cada uma exige uma formação profissional específica.

Palavras-chave: Revisão Textual, Correção Textual, Procedimentos, Análise Comparativa.

Introdução

Estudos voltados à prática de revisão textual, em grande medida, sinalizam os procedimentos relacionados ao desenvolvimento da tarefa, no entanto não apresentam uma discussão sobre as diferenças que perpassam a atividade quando considerados propósito e contexto específicos. Para Athayde (2011, p. 11), a revisão textual é vista como um “conjunto das interferências não autorais no texto visando à sua melhoria”, o que também, de certa forma, caracteriza o processo avaliativo de um texto, no qual a revisão é “o trabalho de reescrita, reestruturação, refacção, reelaboração textual, ou retextualização [...], realizado pelo aluno em função de intervenções escritas do professor, via correção, com vistas a uma melhor legibilidade de seu texto” (RUIZ, 2010, p. 25).

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutora em Letras – Estudos Linguísticos. francieli.matzenbacher@gmail.com

² Aluna do curso de Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos do Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bacharela em Letras Português. halyneporto2@gmail.com

Em razão disso, propomos uma análise comparativa dos processos de revisão, entendidos neste contexto de investigação como revisão textual profissional e correção textual com fins didáticos. Tal comparação se justifica pelo fato de que, a partir de observações cotidianas de trabalho, verificamos que os discursos sobre as atividades de revisão textual e correção textual se (con)fundem, assim como as figuras do revisor e do professor/avaliador, pelo fato de serem atividades muito próximas. Esse discurso está presente na nossa sociedade (até mesmo entre os revisores de textos)³ visto que agências de correção de redações de concursos procuram revisores de textos para trabalhar, assim como agências que necessitam do serviço de revisão de textos (de caráter não pedagógico) contratam professores de língua portuguesa ou de redação para darem conta da demanda de revisão textual.

Com o intuito de analisar e verificar em que medida tais tarefas se aproximam e se distanciam, constituímos como corpus de análise três textos referentes ao tema aqui proposto. Dois deles consistem em manuais de revisão textual considerados de grande importância para a área: a) *Manual do revisor* (2000), de Malta; e b) *Além da Revisão: critérios para revisão textual* (2013), de Coelho Neto. Tais manuais foram selecionados com a finalidade de identificarmos os procedimentos do trabalho, para compará-los aos de correção textual. O terceiro texto que compõe o nosso *corpus* é o livro *Como corrigir redações na escola* (2010), de Ruiz, do qual adotamos os tipos de correção textual, a fim de termos um subsídio para a realização da análise. O critério de seleção também está relacionado à importância para área a que se dedica: a correção de redações na escola.

A partir disso, nas seções seguintes, apresentamos a descrição, análise do nosso *corpus* e nossas observações finais.

Manuais de revisão textual: como a revisão ocorre na prática?

O *Manual do Revisor*, de Malta (2000), é um dos manuais de maior influência e de grande circulação nacional sobre a atividade de revisão textual, sendo citado em diversos trabalhos acadêmicos sobre o tema. O livro é fruto de 35 anos de experiência que o autor adquiriu no mercado editorial e se propõe a ser “uma orientação de trabalho

³ Na rede social *Facebook*, há um grupo chamado “Revisores”, no qual observamos muitos debates e discursos sobre a atividade de revisão de textos. Chama a atenção a frequência de *posts* divulgando oportunidades de trabalho/experiência/emprego no setor de correção de redações de concurso, a exemplo do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

para revisores, copidesques, redatores, de diferentes níveis de qualificação e experiência” (MALTA, 2000, p. 11).

No primeiro capítulo, “O que é revisão?”, Malta elenca os atributos que considera relevantes para o revisor, que são:

- revisar as segundas provas, tomando como base as primeiras e, quando necessário, reportando-se aos originais (inclusive, ainda se preciso, ao livro);
- revisar (menos comum, mas ocorre) terceiras provas, tendo como base as segundas;
- examinar (a palavra “revisar” não caberia bem aqui) as heliográficas (não é muito comum, mas se o revisor for funcionário de uma editora, acabará fazendo este trabalho);
- revisar (incomum, mas acontece) filmes que deram ou darão origem a heliográficas; e, finalmente,
- rever livros já publicados, em função de modificações que o autor quer fazer para uma nova edição, ou quando se desconfia que a edição publicada contém erros (MALTA, 2000, p. 16).

Podemos observar que os atributos elencados pelo autor são da ordem do fazer, do executar, do formatar, não havendo itens voltados a atributos intelectuais de trato direto e específico com o texto e a linguagem. O autor também apresenta outro termo pelo qual podemos nos referir ao profissional de revisão textual, o copidesque. Malta (2000) afirma que o trabalho do copidesque deve assegurar ao texto “uma redação lógica, fluente, entendível [que] deve caracterizar qualquer texto” (p. 17).

O terceiro capítulo, “A técnica – como se faz a revisão”, é dedicado ao procedimento da atividade. O autor apresenta diferentes tipos de revisão – a) leitura silenciosa – leitura de uma prova; e b) leitura comparada – leitura de duas versões do mesmo texto – e as formas pelas quais o revisor pode assinalar os erros no texto, dentre as quais se destacam os sinais de revisão.

No tocante a esses sinais, o autor afirma que os erros devem ser assinalados no corpo do texto por uma barra (/) e, na margem, deve ser anotado o sinal que corresponde ao erro assinalado. Para cada tipo de erro, existe um sinal já convencionado, a partir do qual o autor do texto revisado poderá identificar os aspectos que devem ser melhor trabalhados em seu texto. Na Figura 2, seguem alguns exemplos de sinal de revisão apresentados por Malta (2000):

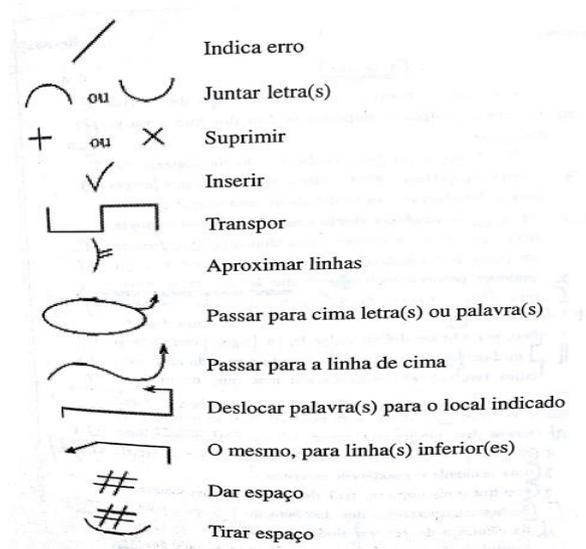


FIGURA 2: Sinais de revisão.
Fonte: MALTA (2000, p. 37).

Tais sinais de revisão são amplamente conhecidos na literatura sobre revisão de textos, também estando presentes no nosso segundo manual analisado. *Além da revisão*, de Coelho Neto (2013)⁴, assim como Malta (2000), é uma referência no assunto de revisão textual, sendo adotado em diversos curso de Letras e de Produção Textual, além de ter obtido um grande sucesso editorial. O autor almejava que seu livro fosse uma proposta original, tratando

...das siglas, das abreviaturas, do uso da vírgula e da crase, da concordância, das formas de tratamento, dos lugares-comuns, do uso das maiúsculas, das regras básicas de redação oficial [...] [d]a influência do computador na revisão e na produção de texto (COELHO NETO, 2013, p. 12).

No sexto capítulo, “O processo de revisão”, o autor afirma que o procedimento de trabalho do revisor apresenta três aspectos norteadores: a) regras maiores (da norma culta); b) regras do editor (ou do cliente); e c) regras próprias do revisor. Dessas regras, Coelho Neto dá destaque à segunda, pois afirma que “os poderes do revisor de sugerir ou interferir no texto [...] vão variar sempre de acordo com cada cliente e cada situação específica” (COELHO NETO, 2013, p. 106). Isso significa que o revisor, ao realizar o seu trabalho, deve respeitar o autor do texto e agir conforme acordo firmado por ambos.

No tocante aos limites de intervenção por parte do revisor, assim como os procedimentos dessa intervenção, Coelho Neto retoma o termo copidesque e afirma ser um tipo de processo de revisão em que o profissional “propõe, **reescreve**, revisita o

⁴ A primeira edição do livro foi lançada em 2008, pela Editora Senac.

original, com a finalidade precípua de ‘relavrar’ o texto” (COELHO NETO, 2013, p. 136 – grifos nossos). O autor apresenta alguns exemplos de copidesque, dentre os quais selecionamos um a fim de ilustração:

TEXTO ORIGINAL: “Não se vê propaganda de massa na televisão orientando as pessoas ou frutas sendo vendidas na cantina da escola, por exemplo. Para que a mudança ocorra, é necessário muito mais [...]” (Isto É, n. 1727, de 6 nov. 2002, p. 51).

COPIDESQUE: “Não se vê propaganda massiva na televisão que oriente as pessoas quanto ao assunto. Nem frutas sendo vendidas na cantina da escola, por exemplo. Para que a mudança ocorra, é necessário muito mais [...]” [a intenção foi dissociar “propaganda de massa” de culinária (macarrão etc.), bem como evitar possíveis semelhanças de pessoas com frutas...] (COELHO NETO, 2013, p. 136 – 137).

Nesse exemplo, fica claro que o procedimento copidesque de revisão não se limita a corrigir aspectos gramaticais, mas chega ao nível textual da coerência entre as informações, preocupando-se em eliminar do texto os problemas de sentido que podem gerar dificuldades ao processo de leitura.

Outro método de revisão abordado por Coelho Neto (2013) é o que ele denomina “Memórias de revisão”, apresentadas no oitavo capítulo. Tal método consiste em observações que o revisor faz aos clientes “como meio de promover um histórico/registo das principais decisões tomadas pelo revisor” (p. 170), em que o profissional explica ao cliente como se deu o seu trabalho. Se pensarmos em revisões realizadas em programas de computador, podemos associar tais memórias aos balões de comentários, nos quais o revisor estabelece uma interação e um diálogo com o autor do texto, respeitando a questão de autoria e registrando o processo de revisão. No livro são apresentadas 12 memórias, das quais selecionamos a de número 10:

REVISOR: Peço mexer neste parágrafo (difícil compreensão): O interesse pelo estudo da temática da cultura de paz associado à promoção midiática nasceu ainda no ano de 2001, quando, então responsável pela Assessoria de Comunicação do Plano Tal, à época coordenado pelo Secretário-Geral do Gabinete Amarelo da Presidência, Capitão Garcia, constatou-se a grande dificuldade em divulgar ações consideradas como *best practices*, desenvolvidas nos 171 municípios das 7 regiões metropolitanas atendidas pelo Plano: RJ, SP, ES, PE, CE, MT e DF.

CLIENTE: Sinceramente, não vejo necessidade de reescrever. Para mim, está claro...

REVISOR: É o capitão que era responsável?... Considere-me um leigo que está lendo o trabalho... eu sou então o leitor... Quando eu, com alguns km rodados, não entendo direito, imagine quantos não vão entender...

E mais, além de não entender o que é “quando então responsável”, sem saber a que se refere, acho interessante dizer a você que no parágrafo existem informações descartáveis. Não fazem falta... muito pelo contrário.

CLIENTE: Ok, vc venceu, vou arrumar...

COMO FICOU: O interesse pelo estudo da cultura de paz associado à promoção midiática nasceu no ano de 2001, quando este pesquisador era responsável pela Assessoria de Comunicação de Plano Tal. Tal, à época coordenado pelo Secretário-Geral do Gabinete Amarelo da Presidência, Capitão Garcia.

REVISOR: Eu gostaria de optar pela “organização governamental e organização não governamental”, tudo em cx-baixa. Algum problema para vc e seu orientador?

CLIENTE: Toda vez ele corrige, colocando em maiúsculas.

REVISOR: É uma grande bobagem e deixa o texto mais poluído. Mas faremos como ele quer. Organização Governamental e Organização Não Governamental. Enfim, seu futuro está nas mãos dele. (COELHO NETO, 2013, p. 191 – 192).

Por fim, cabe salientar que Coelho Neto (2013) também aborda os sinais de revisão como procedimento. Entretanto, o autor não tece nenhum comentário a respeito, apenas apresenta uma listagem de sinais.

A partir dessa explanação, podemos concluir que no tocante à revisão textual, tendo por base o *Manual do Revisor* (2000) e *Além da Revisão* (2013), existem três procedimentos para a realização da atividade: a) a revisão de sinais; b) a revisão copidesque; e c) a revisão por comentários (ou memórias de revisão). A primeira se limita a assinalar os erros no texto e na sua margem, a fim de que o autor identifique o problema por meio do sinal convencionalmente empregado. A segunda consiste em uma intervenção maior no texto, em que o revisor chega a realizar algumas intervenções no texto com a finalidade de assegurar a coerência das informações. Por fim, a terceira revisão chega ao nível da sugestão e interação com o autor, embora não seja sinalizado um diálogo profundo entre os sujeitos envolvidos na revisão.

Tendo em vista esse panorama, para complementar a análise, passemos à apresentação das estratégias de correção textual no contexto de ensino, com base em Ruiz (2010).

Procedimentos de correção textual: como o professor intervém no texto do aluno?

Nesta seção, procuramos abordar o ponto de vista pedagógico sobre a correção textual e como ela se dá no contexto de ensino de produção textual. Para isso, tomamos como referência Ruiz (2010). A fim de entender melhor como os professores procedem nos textos dos alunos na prática da correção textual, a autora, com base em Serafini (1989), apresenta quatro tendências de correção de texto, denominadas de *espécies de intervenção no texto*.

A primeira tendência é a correção indicativa, em que o professor apenas indica os erros do aluno na margem do texto a partir de sinais convencionados entre ele e os alunos, havendo “somente correções ocasionais, geralmente limitadas a erros localizados, como ortográficos e lexicais” (SERAFINI, 1989, p. 115 *apud* RUIZ, 2010, p. 36). A Figura 3 ilustra essa tendência de correção, em que, na margem do texto, são empregados alguns sinais que indicam a existência de problemas no texto:

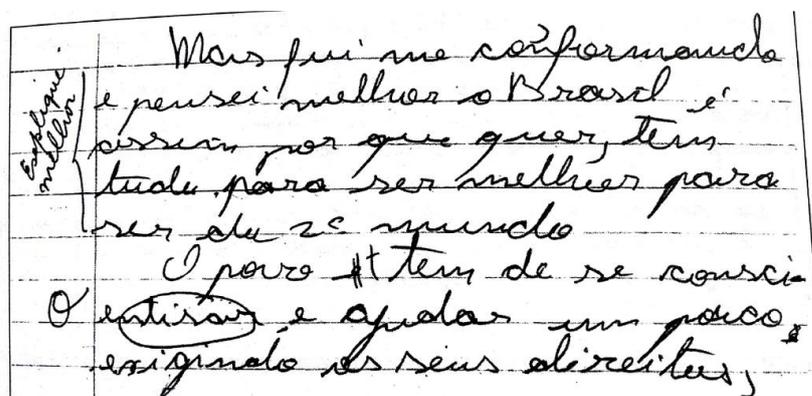


FIGURA 3: Exemplo de correção indicativa.
Fonte: RUIZ (2010, p. 40).

A segunda, a correção resolutiva, se caracteriza pela correção de todos os erros, de forma que o professor acaba “**reescrevendo** palavras, frases e períodos inteiros” (SERAFINI, 1989, p. 113 *apud* RUIZ, 2010, p. 41 – grifos nossos). Nesse tipo de correção, o professor ainda

...realiza uma delicada operação [...], procura separar tudo o que no texto é aceitável e **interpretar as intenções do aluno** sobre trechos que exigem uma correção; **reescreve** depois tais partes **fornecendo um texto correto**. Neste caso, **o erro é eliminado pela solução que reflete a opinião do professor**. (SERAFINI, 1989, p. 113 *apud* RUIZ, 2010, p. 41 – grifos nossos).

Em geral, a realização deste tipo de correção conta com estratégias/operações linguísticas como substituição, adição, supressão e deslocamento.

A terceira estratégia de intervenção é a classificatória, cuja principal finalidade é conscientizar o aluno a respeito dos deslizes linguísticos que seu texto apresenta, classificando os tipos de problemas, elencando-os em grupos. Por exemplo: se o texto do aluno apresenta problemas de vozes verbais, de conjugações verbais e de acentuação, o professor cria siglas como “VV”, “CV” e “Ac” e marca no texto corrigido, sinalizando o lugar e o tipo de problema a ser trabalhado pelo aluno.

Por fim, é apresentada a correção textual-interativa, de acordo com a qual a estratégia de intervenção no texto do aluno se dá por meio de “recados” ou “bilhetes” que seguem o texto. Ruiz (2010) afirma que “os ‘bilhetes’ se explicam [...] pela **impossibilidade prática de se abordarem certos aspectos** relacionados ao trabalho interventivo escrito por meio dos demais tipos de correção apontados” (p. 48 – grifo nosso). É importante destacar que esta estratégia não se limita apenas à avaliação do texto, mas engloba o processo de revisão por parte do aluno, assim como o seu comprometimento com a atividade, o que demonstra aproximação e afetividade entre os sujeitos envolvidos, como podemos ver nos exemplos que seguem:

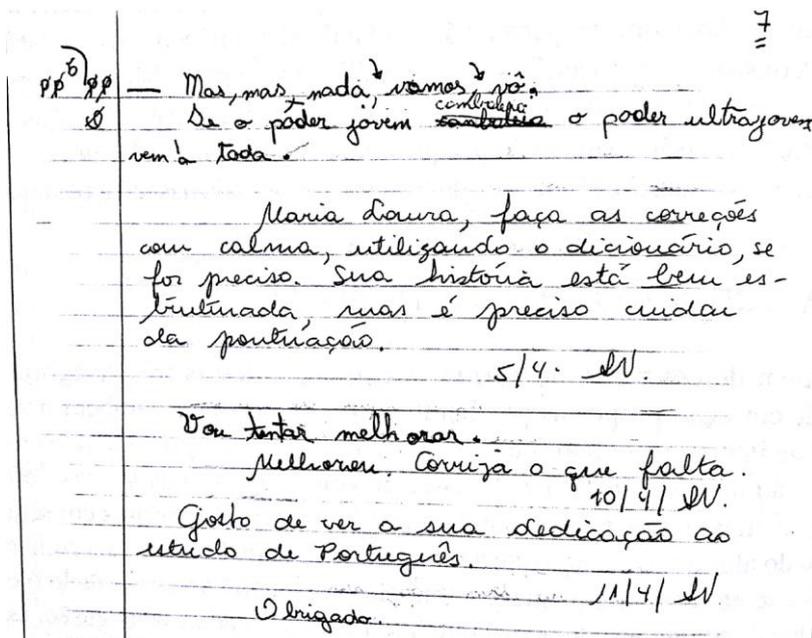


FIGURA 4: Exemplo de correção textual-interativa.
 Fonte: RUIZ (2010, p. 48).

Nesse exemplo, podemos identificar um verdadeiro diálogo entre aluna e professor, como se realmente estivessem conversando sobre o texto produzido. Por meio desse diálogo, o professor busca incentivar o processo de escrita por parte da aluna com elogios e recomendações pontuais de aspectos a serem melhor trabalhados no texto. O diálogo é finalizado com a frase “Gosto de ver a sua dedicação ao estudo de Português”, o que sinaliza o teor pedagógico da intervenção.

Já o exemplo seguinte apresenta outra configuração do mesmo tipo de intervenção:

Preconceito Racial

Francisco, um garoto 15 anos, de cor negra, muito dedicado ad ~~estudo~~ ^{trabalho} prestou um vestibulinho, para entrar em uma das ~~escolas~~ ^{vestibulinhos} de sua cidade. Francisco passou em primeiro lugar no vestibulinho, que foi sua ~~depois~~ ^{depois} total ~~depois~~ ^{depois} foi ~~gratuito~~ ^{gratuito} para seus pais, que lhe deram ~~os~~ ^{os} parabéns.

Francisco, assim que logo pela manhã, pagou seu material e foi para ~~escola~~ ^{escola}, com a ~~esperança~~ ^{esperança} de fazer novas amizades, mas quando Francisco, levou uma grande decepção com seus amigos, porque todos o desprezavam muito por causa de sua cor negra. ~~Quando~~ ^{Quando} Francisco ~~seu~~ ^{seu} para o racismo, ele tentava fazer amizades com ~~alguem~~ ^{alguem}, logo ele escutava: "Vai embora desta escola ~~porque~~ ^{porque} de interdica", "vai pra lá ~~próximo~~ ^{próximo}". Isto foi magoando muito Francisco, que ~~secol~~ ^{secol} viu sair da escola.

Isto é muito comum, na ~~dia~~ ^{dia}, de hoje, nós sempre temos algum ~~preconceito~~ ^{preconceito}. O preconceito das pessoas ~~para~~ ^{para} Francisco, era devido à cor negra, e devido a ele ser pobre. Isto não ~~deve~~ ^{deve} acontecer, porque ~~se~~ ^{se} Francisco tem a capacidade de ~~passar~~ ^{passar} no vestibulinho, ele tem a capacidade, e o direito de estudar naquela escola, sem nenhum preconceito.

Marcos atenção é uma coisa muito importante para se ~~aprender~~ ^{aprender} alguma coisa. Para aprender a escrever corre

tamente, é preciso muita atenção também

preconceito - no título -
Veja no texto como você escreveu - cuidado!

No vestibulinho o pessoal tem preconceito contra quem não escreve corretamente as palavras.

Você não corrigiu seus textos nem uma vez, isto faz com que você continue cometendo os mesmos erros desde o "começo".

Você vai me entregar 4 teses novas na 2ª feira e vai corrigir todos os outros textos se quiser melhorar.

Líbel 20/11

FIGURA 5: Exemplo de correção textual-interativa.
Fonte: RUIZ (2010, p. 50 e 51).

Na Figura 5, o que se apresenta é o professor chamando a atenção do aluno, por meio de bilhete, sobre a sua falta de comprometimento com as atividades escolares de redação, apontando possíveis futuras consequências: um mau desempenho na prova do Vestibulinho. Ademais, o professor sinaliza a importância da prática no aperfeiçoamento do processo de escrita, o que também reforça o caráter pedagógico da correção de redação escolar.

A partir disso, podemos visualizar, na prática de correção, um dos resultados apontados pela pesquisa de Ruiz: em geral, a atividade de correção textual tem o “objetivo de chamar a atenção do aluno para os problemas do texto” (RUIZ, 2010, p. 33).

Com esta breve explanação das estratégias de correção textual, é possível apresentarmos a análise comparativa entre a revisão textual em contexto profissional e correção textual em contexto escolar.

Revisão textual x Correção textual: cruzamento dos dados

Como resultado das aproximações entre revisão textual e correção textual, foi possível sinalizar que as concepções sobre as duas atividades, ao menos no plano de procedimento, de fato se cruzam e apresentam características em comum.

	REVISÃO TEXTUAL	CORREÇÃO PEDAGÓGICA
Relação entre os tipos de revisão e correção textual	Sinais de revisão	Correção indicativa Correção classificatória
	Copidesque	Correção resolutiva
	Comentários de revisão	Correção textual-interativa

QUADRO 1: Aproximações entre a revisão e a correção textual.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Como é possível visualizar, o Quadro 1 possibilita uma visão geral dos resultados da nossa análise. Na primeira linha, aproximamos os sinais de revisão das correções indicativa e classificatória porque ambas também se utilizam de sinais convencionais para apontar os problemas de redação nos textos dos alunos, conforme ilustrado na Figura 3.

Em seguida, aproximamos a revisão copidesque da correção resolutiva pelo fato de ambas apresentarem o caráter de reescrita do texto, tanto por parte do revisor quanto por parte do professor. No tocante à revisão, Coelho Neto (2013) diz que cabe ao copidesque reescrever, “relavrar” o texto (p. 106). Já em relação à correção resolutiva, Ruiz (2010) aponta que o professor identifica os erros do aluno, interpreta o trecho em que o erro se encontra e reescreve o texto de forma correta (p. 41). É interessante pensar no papel de cada um desses procedimentos: a) o copidesque age de tal forma tendo em vista assegurar a coerência textual, com um olhar profissional de alguém que foi contratado para aperfeiçoar o texto; b) na correção resolutiva, é curioso pensar que talvez o professor esteja podendo etapas de amadurecimento da escrita do aluno, que não percebe por si mesmo as suas dificuldades de escrita, pois já recebe o texto pronto do professor.

Por fim, traçamos a aproximação entre os comentários do revisor (memórias de revisão) e a correção textual-interativa porque, em ambas, há um contato com o autor/aluno no sentido de sugestões de melhoria textual. Em relação à revisão, conforme o exemplo trazido na seção anterior, esse contato se dá na medida de um contrato entre revisor e autor, sendo dever do revisor respeitar outras instâncias que atravessam o texto, a exemplo do orientador que decidiu não acatar a sugestão do revisor. Já na correção textual-interativa, o contato se dá com a finalidade de fazer com que o aluno aperfeiçoe

suas habilidades de escrita, sendo o professor alguém que deve ensinar, mostrar caminhos para a melhoria não apenas do texto, mas do aluno enquanto escritor e usuário da língua.

Observações finais

Este trabalho permitiu analisar e perceber as nuances que aproximam e diferenciam as atividades de revisão e correção textual, assim como de seus profissionais: revisor e professor. A revisão se dá em uma esfera profissional, em que um cliente contrata um revisor com intuito de melhorias no seu texto, sendo que os aspectos a serem revisados devem ser estabelecidos entre o revisor e o autor. Já a correção se dá no contexto de ensino, em que o papel do professor é auxiliar e orientar o aluno no desenvolvimento de suas habilidades de escrita.

Dessa maneira, entendemos que, embora as atividades sejam muito próximas e parecidas, chegando a serem (con)fundidas, cada uma exige uma preparação profissional específica. Revisar um texto não é ensinar o cliente a escrever: esse é o papel do professor. Ao revisor cabe assegurar a legibilidade do texto, as adequações do propósito comunicativo do autor ao gênero que se propõe a escrever, indicar melhorias, agir como um primeiro leitor e sugerir maneiras de o autor, de fato, ter sucesso na sua escrita.

A atividade de revisão textual ainda é vista com estranhamento por parte da sociedade, na qual circula o discurso de que qualquer um que goste de português ou ensine português está apto a revisar. Na verdade, esta é uma atividade que exige uma formação específica, por exemplo, bacharelado em Letras. Em razão desse entendimento, consideramos que seja uma atividade que precisa ser vista em separado do papel do professor de português, pois as finalidades de ambas e suas esferas de atuação são distintas.

Com trabalhos futuros sobre a atividade de revisão, buscamos fortalecer a bibliografia da área, a fim de rompermos barreiras e estigmas sociais, tendo em vista assegurar nosso espaço no mercado de trabalho e nosso reconhecimento profissional.

Referências

ATHAYDE, Públio. *Revisão de textos: teoria e prática*. Belo Horizonte: AGBOOK, 2011.
COELHO NETO, Aristides. *Além da revisão: critérios para revisão textual*. 2. ed. Brasília: Editora Senac-DF, 2013.

MALTA, Luiz Roberto S. S. *Manual do Revisor*. São Paulo: WVC Editora, 2000.

MEURER, José Luiz. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. In.: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirré; (Orgs.) *Gêneros: teorias, métodos, debates* 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 80-106.

SERAFINI, Maria Teresa. *Como escrever textos*. Trad. Maria Augusta Bastos de Matos. São Paulo: Globo, 1989.

RUIZ, Eliana Donaio. *Como corrigir redações na escola: uma proposta textual-interativa*. São Paulo: Contexto, 2010.

PROFESSIONAL PROOFREADING AND PEDAGOGICAL TEXTUAL CORRECTION: A COMPARATIVE ANALYSIS OF THE TWO PROCESSES

ABSTRACT

This paper aims to verify to what extent the activities of proofreading and textual correction of pedagogical nature are approaching or distancing themselves. To do this, we selected two proofreading manuals - Malta (2010) and Coelho Neto (2013) - and a textbook correction material - Ruiz (2010) - and comparatively we analysed the activities' procedure. On proofreading, we identified: proofreading by signs, copidesque and proofreading by comments. About the correction, we identify the types indicative, classificatory, resolute and textual-interactive. Considering the purpose and context of the activities, it was found that, although both tasks seek to improve the text, each requires specific professional training.

Keywords: Proofreading; Textual Correction; Proceedings; Comparative Analysis.

Recebido em 30/01/2018

Aprovado em 02/04/2018